

CIRCO INVISÍVEL



# O CIRCO INVISÍVEL

## JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE FABIANA DE CARVALHO



Copyright © Jennifer Egan, 1995

Poema de Emily Dickinson da epígrafe retirado de *75 poemas*,  
traduzido por Lucia Olinto, editora 7Letras, 1999.

TÍTULO ORIGINAL  
The Invisible Circus

PREPARAÇÃO  
Isabela Fraga

REVISÃO  
Milena Vargas  
Tamara Sender

DIAGRAMAÇÃO  
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
E27c

Egan, Jennifer

Circo invisível / Jennifer Egan ; tradução Fabiana de Carvalho. - 1. ed.  
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

320 p. ; 23 cm.  
Tradução de: The invisible circus  
ISBN 978-85-8057-669-6

1. Romance americano. I. Carvalho, Fabiana de. II. Título.

15-19078

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para minha mãe, Kay Kimpton,  
e meu irmão, Graham Kimpton*



## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer aos seguintes indivíduos por seus conselhos, encorajamento e esforços: David Herskovits, Monica Adler, Bill Kimpton, Nan Talese, Jesse Cohen, Diane Marcus, Tom Jenks, Carol Edgarian, Webster Stone, Virginia Barber, Jennifer Rudolph Walsh, Ruth Danon, David Rosenstock, Kim Snyder, Don Lee, Julie Mars, Ken Goldberg e David Lansing.

Por seu apoio, sou grata também ao National Endowment for the Arts, à New York Foundation for the Arts e à Corporation of Yaddo.

Acima de tudo, devo agradecer a Mary Beth Hughes, cuja fé, sabedoria e conhecimento foram essenciais para este livro.



*“Para a era atual, que prefere o retrato à coisa retratada, a cópia ao original, a imaginação à realidade, ou a aparência à essência (...), apenas a ilusão lhe é sagrada, com exceção da verdade profana (...), de modo que o maior grau de ilusão é para ela o maior grau de sacralidade.”*

*LUDWIG FEUERBACH*

*“Exultação é ir-se a alma  
Do interior para o mar,  
Passando casas — promontórios  
Até a vasta Eternidade...”*

*EMILY DICKINSON*



# PARTE UM



Ela tinha perdido, Phoebe sabia pelo silêncio. Cruzando o exuberante e enevoado parque, ela não ouvia nada, a não ser os pingos de orvalho que escorriam de samambaias e folhas de palmeira. Quando chegou ao campo, o imenso vazio não foi nenhuma surpresa.

A grama era de um verde brilhante e incômodo. Estava coberta por entulhos, canudos, guimbas de cigarros e alguns cobertores encharcados que foram abandonados na lama.

Phoebe enfiou as mãos nos bolsos e atravessou o gramado, passando por cima de poças de lama. Um círculo de árvores cercava o campo, árvores costeiras, curvadas pelo vento e retorcidas, mas ainda simétricas, como pessoas se esforçando para equilibrar bandejas pesadas.

No outro extremo do campo, algumas pessoas de casaco de estilo militar estavam desmontando um coreto. Carregavam partes da construção por entre as árvores até uma estrada, onde Phoebe viu o vulto escuro de um caminhão.

Ela se aproximou de um homem e de uma mulher com longos rolos de fio elétrico laranja pendendo dos braços. Phoebe esperou educadamente os dois terminarem de conversar, mas eles não pareceram notá-la. Tímida, ela se virou para outro homem, que carregava uma tábua nos braços.

— Com licença — disse ela. — Já perdi?

— Perdeu — respondeu ele. — Foi ontem. Do meio-dia à meia-noite.

Ele a encarou com os olhos apertados como se o sol tivesse aparecido. O homem parecia vagamente familiar, e Phoebe se perguntou se ele poderia ter conhecido sua irmã. Ela sempre se perguntava isso.

— Pensei que fosse hoje — disse Phoebe inutilmente.

— É, mais ou menos metade dos cartazes foi impressa errada.

Ele sorriu, os olhos de um azul químico brilhante, como bala de anis.

Era 18 de junho, um sábado. Dez anos antes, em 1968, um “Festival de Luas” supostamente acontecera naquele mesmo campo. “Nova visita das Luas” era o que prometiam os cartazes dessa vez, e Phoebe tinha feito malabarismos com seus turnos no trabalho para ir, animada e ansiosa para reviver o que ela não havia conseguido viver nem uma vez sequer.

— Então, como foi? — perguntou ela.

— Com menos público do que o esperado. — Ele riu com sarcasmo.

— Fico feliz que não tenha sido só eu — disse Phoebe.

O homem largou a tábua e passou a mão nos olhos. Cabelos louros, lisos e sem corte caíram sobre seus ombros.

— Cara — disse ele —, você se parece muito com uma garota que conheci.

— Assustada, Phoebe olhou para ele, que semicerrava os olhos de novo. — Tipo, muito igual a ela.

Phoebe fitou o rosto dele.

— Catnip — disse ela, surpreendendo a si mesma, chamando-o assim porque as meninas não resistiam a ele, assim como os gatos não resistem à erva dos gatos, também conhecida por catnip.

Ele deu um pequeno passo para trás.

— Você era amigo de Faith O’Connor, não era? — perguntou Phoebe, dessa vez com entusiasmo. — Bem, sou irmã dela.

Catnip desviou o olhar, então olhou de volta para Phoebe. Balançou a cabeça. Ela se lembrava dele agora, embora ele parecesse muito maior antes. E bonito: aquela beleza intensa e frágil que se vê às vezes em garotos do ensino médio, mas nunca em homens.

O rapaz olhava para Phoebe.

— Não acredito — disse.

Enquanto Catnip foi tentar se livrar da equipe de trabalho, Phoebe se esforçou para recuperar o fôlego. Durante anos ela imaginara aquilo, um amigo de Faith a reconhecendo já crescida, de tanto que ela se parecia com a irmã.

Juntos, ela e Catnip atravessaram o campo. Phoebe estava nervosa. Havia reflexos louros na barba dele.

— Então, você está o quê? No ensino médio? — perguntou ele.

— Já me formei — revelou Phoebe. — Semana passada, na verdade.

Ela não tinha ido à cerimônia.

— Bem, meu nome é Kyle. Ninguém me chama de Catnip há anos — disse ele melancolicamente.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e seis. E você?

— Dezoito.

— Dezoito — repetiu ele, e riu. — Porra, quando eu tinha dezoito anos, vinte e seis parecia velho.

Kyle tinha acabado de terminar o segundo ano da faculdade de direito.

— Segunda-feira começa o meu trabalho de verão — contou ele, e com dois dedos imitou uma tesoura cortando o próprio cabelo.

— É sério? Eles fazem você cortar?

Aquilo parecia o Exército.

— Eles não precisam obrigar — disse ele. — Ao chegar lá, a pessoa já fez isso.

Os barulhos do trânsito foram ficando mais altos à medida que eles se aproximavam do Golden Gate Park. Phoebe se sentia uma criança deixada sozinha com um dos amigos de Faith, com a tarefa desconfortável de mantê-lo entretido.

— Você costuma pensar naquela época? — perguntou. — Sabe, com a minha irmã?

Houve um momento de silêncio.

— Claro — respondeu Kyle. — Claro que penso.

— Eu também.

— Ela é incrivelmente real para mim. A Faith — disse ele.

— Penso nela o tempo todo — falou Phoebe.

Kyle assentiu.

— Ela era sua irmã.

Quando eles chegaram à Haight Street, a neblina começava a se dissipar, expondo faixas azuis do céu. Phoebe pensou em mencionar que trabalhava a apenas dois quarteirões — ela estaria lá naquele momento, se não fosse a Nova visita das Luas —, mas isso parecia irrelevante.

— Moro aqui perto — disse Kyle. — Que tal um café?

O apartamento dele, na Cole Street, foi uma decepção. Phoebe esperara entrar em um túnel do tempo, mas um elegante sofá cinza-escuro e uma mesa de centro comprida de vidro dominavam a sala de estar. Nas paredes, litografias abstratas pareciam flutuar em molduras de acrílico. Além disso, um prisma pendia de uma janela, e almofadas com estampas *tie-dye* estavam espalhadas no chão. Phoebe notou um cheiro de cravo ou pimenta, algum odor familiar de anos antes.

Ela se sentou no chão, longe do sofá escuro. Quando Kyle tirou a jaqueta estilo militar, Phoebe percebeu através de sua camiseta como ele era musculoso. Ele pegou um baseado de uma piteira na mesa de centro e o acendeu, e em seguida sentou-se no chão.

— Sabe — resmungou, prendendo a fumaça enquanto estendia o baseado para Phoebe —, muitas vezes pensei em passar para ver você e sua mãe. Só para saber como estavam.

— Deveria ter passado — disse Phoebe.

Ela estava olhando para o baseado, pensando se deveria fumar ou não. Ficar chapada a deixava muito ansiosa, e houve mais de uma ocasião em que se sentiu paralisada com um medo esmagador de que estivesse prestes a morrer. Mas pensou em sua irmã, na ânsia com que Faith tinha experimentado tudo — e em como Kyle esperaria isso de Phoebe. Ela deu um trago modesto. Kyle estava curvado sobre o aparelho de som, empilhando discos em uma vitrola. “Surrealistic Pillow”, do Jefferson Airplane, começou a tocar, com a voz rica e misteriosa de Grace Slick.

— Ela se casou de novo, ou algo assim, a sua mãe? — perguntou ele, voltando ao seu lugar.

— Ah, não — respondeu Phoebe, meio rindo. — Não.

Enquanto Kyle a observava através da fumaça, ela foi ficando envergonhada.

— Acho que essa fase da vida dela já meio que acabou — explicou a menina.

Ele balançou a cabeça.

— Uma pena.

— Não, ela não se importa — disse Phoebe, perguntando-se se tinha certeza daquilo. — Ela meio que já passou da idade do romance.

Kyle franziu a testa, tragando o baseado.

— Quantos anos ela tem?

— O aniversário dela é no próximo fim de semana, na verdade. Quarenta e sete.

Ele caiu na gargalhada, expelindo fumaça e tossindo sem cerimônia.

— Quarenta e sete — disse ele, recuperando-se. — Isso não é ser velha, Phoebe.

Ela olhou para ele, espantada por causa da risada.

— Eu não disse que ela era velha.

A maconha a estava deixando confusa.

Os olhos de Kyle se demoraram em Phoebe. A fumaça pairava no ar em ondas, dissolvendo-se lentamente como creme no café.

— E quanto a você? — perguntou ele. — Como tem passado?

— Bem, obrigada — respondeu com cautela.

Quando eles terminaram o baseado, o cômodo parecia latejar contra os globos oculares de Phoebe. Sua pulsação ecoava. As almofadas exalaram um cheiro de canela quando ela se inclinou para trás.

Kyle se deitou no chão, com as mãos sob a cabeça e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos.

— Quero falar sobre isso — revelou ele, com os olhos fechados —, mas não sei como.

— Eu também — disse Phoebe. — Nunca sei como.

Kyle abriu um olho.

— Nem mesmo com a sua mãe? Seu irmão?

— Não sei por quê. A gente costumava falar.

“Plastic Fantastic Lover” começou, sinuosa e psicodélica, invadindo a mente de Phoebe com borrões fluorescentes. Eles ouviram em silêncio.

— Então... você chegou a descobrir o que aconteceu? — perguntou Kyle, enfim.

— Como ela morreu, você quer dizer?

— É. De que forma aconteceu exatamente.

Como sempre, quando o assunto era Faith, um pouco da pressão no interior de Phoebe relaxava. Ela respirou fundo com calma.

— Bem, todo mundo diz que ela pulou.

Kyle suspirou.

— Na Itália, certo?

Phoebe assentiu. Depois de uma pausa, perguntou:

— Você acredita nisso?

— Não sei — respondeu Kyle. — Quero dizer, pelo que ouvi, e você sabe melhor do que eu, teria sido muito difícil cair dali por acidente.

— Só que ninguém viu.

Kyle se apoiou nos cotovelos e olhou para Phoebe. Ela retribuiu o olhar, muito chapada, tentando identificar o que exatamente havia mudado em Kyle desde os velhos tempos.

— Mas, quero dizer, sabe, por quê? — indagou ele. — Por quê?

Ele parecia tão sério, como se fosse a primeira pessoa a fazer essa pergunta em todo aquele tempo. Isso fez Phoebe rir, de leve no começo, depois convulsivamente, com lágrimas vertendo dos olhos.

— Sinto muito — disse ela, limpando o rosto com a manga da camisa. Seu nariz estava escorrendo. — Desculpe.

Kyle tocou em seu braço.

— Eu só queria saber o que aconteceu — perguntou ele.

— É — disse Phoebe, fungando. — Eu também.

Rir a tinha deixado mais relaxada, como chorar também fazia.

— Você acha que foi um acidente — afirmou Kyle.

— Não tenho certeza.

Ele aquiesceu. O assunto estava encerrado, de alguma forma. Phoebe sentiu como se tivesse perdido uma oportunidade. A culpa era dela mesma, pensou, por rir.

Eles ficaram em silêncio. O polegar e o dedo médio de Phoebe estavam pegajosos. Kyle reacendeu o baseado e, quando o ofereceu, ela fumou sem hesitar. Até que ele deixou a ponta cair no chão e sentou-se de pernas cruzadas, os dedos de uma mão pressionando os da outra.

— Você se parece com ela — comentou ele. — Acho que deve ouvir muito isso.

— Não ouço — respondeu Phoebe, sem saber muito bem a razão disso. — Porque... — Ela riu, dando-se conta. — Bem, quer dizer, ninguém nos vê juntas.

Kyle deu um tapa na testa, claramente envergonhado.

— Mas eu gostaria que falassem — disse Phoebe. — Então pode dizer.

Ele saiu de perto, atravessando a sala na direção da janela. Phoebe, em sua calça cargo e botinas, se alongou, esticando os braços para o alto até que os músculos da costela se estendessem. Ela estava muito chapada, mas naquele dia parecia não ter problema. Até sentia uma espécie de confiança meio doída enquanto estava deitada de lado, observando Kyle olhar através de um prisma preso à janela por um fio de nylon. Ele o girou, espalhando manchas de luzes das cores do arco-íris. A música “Moonchild”, de King Crimson, começou a tocar.

— Acabei de ter uma sensação estranha — disse Kyle.

— O que foi?

— Acho que se você me dissesse agora mesmo que era Faith, aposto que eu acreditaria em você.

Phoebe virou o rosto para esconder sua satisfação. Ela ainda usava as roupas de Faith de vez em quando, calça jeans surrada e blusas rendadas de brechó, uma jaqueta de veludo gasta com botões em forma de estrela. Nada servia direito. Sua

irmã era mais magra, ou mais alta, com o cabelo preto mais comprido — alguma coisa assim. Por mais que Phoebe tentasse preencher a lacuna entre ela e Faith, sempre havia alguma diferença. Mas um dia essa lacuna desapareceria, ela acreditava, como parte de uma transformação maior pela qual Phoebe estava constantemente esperando. Ela pensara que isso viria com a formatura.

— Vou para a Europa muito em breve — mentiu ela, tomada por um desejo de impressionar e fascinar Kyle. — Uma viagem longa.

— Ah, é? — disse ele da janela. — Para onde?

— Ainda não sei direito. Pensei em simplesmente ir, sabe? Meio que de um jeito espontâneo.

Havia alguma verdade naquilo; Phoebe tinha mesmo a intenção de ir à Europa algum dia e refazer os passos da irmã. Sempre soubera disso.

Mas ela se matriculara na Universidade de Berkeley para o segundo semestre, havia escolhido cinco disciplinas e até mesmo um lugar no alojamento.

— Sou totalmente a favor da espontaneidade — comentou Kyle, parecendo estar com inveja.

O pai dela também tinha sido assim. Em seu testamento, ele tentou garantir a espontaneidade, reservando cinco mil dólares a cada um dos filhos — Faith, Phoebe e Barry — para explorarem o mundo após terminarem o ensino médio.

— Façam isso primeiro, antes de ficarem presos aqui — disse ele. — Façam coisas que lhes renderão histórias para contar pelo resto da vida.

— Apenas ir, sabe? — continuou Phoebe, perdendo-se na mentira. — Só pegar um avião.

Kyle foi para onde ela estava, os pés descalços grudando no chão encerado. Um de seus joelhos estalou quando ele se acomodou nas almofadas ao lado dela. Phoebe fechou os olhos.

— Você é linda — disse ele, tocando seu rosto.

Phoebe abriu os olhos e rapidamente os fechou. Ela se sentia meio tonta, como se a sala, assim como o prisma de Kyle, estivesse girando em um fio de nylon. Ele se inclinou, beijando-a na boca. Phoebe retribuiu o beijo dele, uma parte cega de si mesma se precipitando. Ela ainda era virgem. A boca de Kyle tinha um sabor doce de purê de maçã.

Ele ajeitou as almofadas e se deitou ao lado dela. Quando tocou os seios de Phoebe por cima da camiseta, ela sentiu a confiança dele, e isso a ajudou a relaxar. Kyle segurou a cabeça dela entre as mãos, as palmas frias nas têmporas, e Phoebe ouviu por trás das orelhas tapadas um barulho como o de concha do

mar. Kyle se deitou em cima de Phoebe. Ela se agarrou aos músculos ao longo da coluna dele, o calor do corpo do rapaz atravessando a roupa de Phoebe e chegando à sua pele. A força contida de seu abdome se movia suavemente enquanto ele respirava; sua ereção pressionava a coxa dela. Abriu os olhos para olhar para ele. Mas os olhos do próprio Kyle estavam cerrados, como se ele estivesse fazendo um pedido.

— Espere... espere — disse Phoebe, contorcendo-se para sair de baixo dele.

Kyle a reteve por um instante, mas em seguida levantou-se como se um estranho tivesse entrado na sala. Phoebe ouviu sua respiração acelerada. Ela encolheu-se, com o queixo nos joelhos. Kyle sentou-se, curvado, em uma das pontas do sofá.

— Merda — disse.

Mas Phoebe tinha perdido a consciência de que ele estava ali. Havia algo de que precisava se lembrar. Ela fechou os olhos, pressionando a testa nos joelhos, e visualizou Faith e seus amigos engolindo minúsculos quadradinhos de papel e algum tempo depois começando a rir, a risada maluca cheia de lágrimas que em Faith logo se transformou em um choro desesperado nos braços do namorado — ele era chamado de Wolf, lobo em inglês, por causa da pele morena e dos dentes brancos —, as mãos morenas dele na cabeça da irmã de Phoebe. “Shhh”, fazia ele, acariciando o cabelo dela como se Faith fosse um gato. “Shhh.” Vestindo apenas um colete de couro leve, os músculos de seu abdome moreno faziam Phoebe se lembrar do casco de uma tartaruga. E então Faith o beijou, e Phoebe observava, apreensiva. “Vamos lá”, chamou Faith, tentando se levantar, mas sem sucesso; ela estava doente, os olhos febris. “Vamos.” Beijando, beijando, mas Wolf viu Phoebe agachada ao lado dele, e seus olhares se encontraram.

“Faith, espere”, disse ele. “Amor, espere.”

Por fim, ele a ajudou a se levantar, e Phoebe andou bem devagar atrás do casal para o corredor, onde eles cambalearam até o final e bateram a porta branca do quarto da mãe dela. Então, silêncio. Phoebe esperou no corredor a porta se abrir novamente, cada vez mais assustada à medida que os minutos passavam — sua irmã estava doente, mal conseguia andar! Depois que o pai delas adoecera, aquela porta ficava sempre fechada, o cheiro doce de remédio pairava no corredor. Phoebe se jogou no tapete e ficou ali em uma espécie de transe, a porta branca deixando uma marca em sua mente até que, finalmente, depois do que pareceram horas, ela correu para a porta chorando, a tinta fria em sua bochecha, mas ainda assim não girou a maçaneta. Estava com muito medo.

E então passos. Phoebe deu um pulo para trás quando Faith abriu a porta, com os olhos arregalados e negros, gotas d'água presas nos cílios. Abraçando Phoebe bem apertado, “Querida”, embalando-a com delicadeza, “Querida, querida, o que aconteceu com você?”. Cheirava a sabonete... Será que ela estava apenas tomando um banho? E Wolf, o herói, observando Phoebe com uma expressão de dor, como se ele a tivesse machucado. Não, Phoebe queria dizer, não, não, mas como ela poderia falar quando não entendia nada do que estava acontecendo, quando todo mundo estava sendo misterioso?

Naquele instante, Phoebe olhava para Kyle, a quilômetros de distância no sofá. Era sempre assim: algo de que ela precisava se recordar a puxava para trás, como o recuo das ondas. Uma porta branca a fechava, lembrando a Phoebe que no momento sua vida era irreal e irrelevante. O que importava não estava ao alcance dos olhos. Às vezes ela odiava se lembrar, não queria nada no mundo a não ser correr em direção a algo que pertencesse só a ela, se perder naquilo. Mas isso não era possível. A única forma de avançar era através daquela porta.

— Você sente saudade dela? — perguntou Phoebe no silêncio.

Kyle se levantou do sofá com um gemido e esguichou água nas folhas de vários finos pés de maconha que se inclinavam na direção de uma lâmpada ultravioleta. Fios delicados os prendiam a estacas.

— Às vezes tenho a impressão de que ela ainda está lá atrás — disse ele. — Naquela época. Sinto saudade para caramba.

— Eu também — falou Phoebe, com uma dor no peito. — Mesmo que eu não estivesse realmente lá.

— Claro que você estava.

— Não. Eu era uma criança.

Houve um longo silêncio.

— Eu não estava lá também — disse Kyle. — Não de verdade.

— Como assim?

— Eu ficava circulando, circulando, mas nunca cheguei realmente lá.

Essa confissão deixou Phoebe inquieta.

— Você estava lá, Kyle — assegurou ela. — Com certeza você estava lá.

Ele sorriu, parecendo animado. Esguichou água no ar, gotículas refletindo a luz enquanto caíam. Phoebe ouviu o canhão, que era disparado todos os dias às cinco da tarde na base militar Presidio.

— É melhor eu ir — disse ela, tentando ficar de pé.

Uma de suas pernas estava dormente. Era 1978. Wolf, o namorado de Faith, morava na Europa.

A mãe de Phoebe não tinha notícias dele havia anos.

Kyle esperou com as mãos nos bolsos.

— Eu ligo para você.

— Tudo bem — disse Phoebe, sabendo que ele não ligaria.

Ela desceu com cuidado os degraus de pedra até a rua, segurando o corrimão. Raios de sol brilhavam nas árvores. Havia o ruído distante de um bonde e silêncio em torno dele.

— Ei. — Ela ouviu alguém chamar lá de cima. Kyle estava debruçado na janela. — Esqueci... Queria lhe dar uma coisa para o caso de você ir a Munique. Tenho um primo que mora lá.

Phoebe protegeu os olhos. Ela havia se esquecido da história sobre a Europa, e se assustou ao ouvi-la sendo repetida como um fato.

— Volte aqui — chamou Kyle.

Phoebe refez os passos. Ele lhe entregou um baseado embrulhado em papel rosa fluorescente, que pareceu seco e leve em suas mãos.

— Diga a ele que é a mesma coisa que fumamos no Natal — explicou Kyle, copiando algo de uma agenda para a parte de trás de um recibo.

— Steven + Ingrid Lake — leu Phoebe, com um endereço ao lado.

O número de telefone parecia ter menos dígitos. Ela enrolou o baseado com cuidado no papel com o endereço e guardou-o na carteira.

— Diga a Steve para ficar longe dos formigueiros — falou Kyle, rindo sob o batente da porta. — Ele vai entender.

Ao descer as escadas uma segunda vez, Phoebe sentiu uma excitação curiosa. Até onde Kyle sabia, ela estava indo para a Europa — na próxima semana, amanhã —, e esse pensamento impressionou Phoebe, empolgando-a com uma sensação de que qualquer coisa poderia acontecer.

Na rua, ela olhou para cima. Kyle a observava pela janela mais uma vez, mexendo no prisma distraidamente.

— Quando você viaja? — perguntou ele.

— Em breve — respondeu ela, quase rindo. — Na semana que vem, talvez.

Ela se virou para ir embora.

— Mande um cartão-postal para mim — pediu ele.

Phoebe se pegou sorrindo para as casas vitorianas. Europa, pensou. Pássaros, pedras brancas, longas pontes escuras. Ir a todos os lugares a que Faith tinha ido

— exatamente os mesmos, um por um. Os cartões-postais da irmã ainda jaziam empilhados em uma caixa de sapatos debaixo da cama. Phoebe se lembrava de esperar ansiosamente por eles, desde o dia em que sua irmã e Wolf tinham partido, um dia de verão não muito diferente daquele. Eles haviam ido até o aeroporto na caminhonete de Wolf, acompanhados da garota que comprara o veículo. Phoebe ficara na calçada por bastante tempo depois de eles terem saído, imaginando o que aconteceria com os dois. Ela continuava pensando nisso desde então.

Sua irmã morreu em 21 de novembro de 1970, nas rochas abaixo de Corniglia, uma pequena aldeia na costa oeste do norte da Itália. Ela tinha dezessete anos; Phoebe tinha dez. Traços de drogas foram encontrados no corpo de Faith: anfetamina, LSD, mas não o suficiente para que ela estivesse chapada naquele momento. Se o seu pescoço não tivesse se quebrado, eles disseram, ela poderia ter sobrevivido.

Se Phoebe conseguisse calcular as horas que passara pensando nesse fato, certamente somariam anos. Ela se perdia nessas reflexões, a própria vida perdendo as cascas, como uma cebola, enquanto se afundava no poço amplo e sem fundo da ausência de sua irmã. E quanto mais tempo Phoebe passava refletindo sobre aquilo, mais certeza tinha de que acontecera um grande mal-entendido; que, se Faith tivesse tirado a própria vida, ela teria feito isso sem um pingaço do fracasso ou do desespero que a palavra “suicídio” sugeria. Quando Phoebe pensava na morte da irmã, era sempre com uma animada cadência no coração, como se Faith tivesse ascendido a um reino mais espetacular, um lugar tão remoto que só poderia alcançar pagando com a própria vida. Era como subir e chutar a escada. Onde estava o fracasso daquilo?

A mãe de Phoebe, Gail, tinha viajado para a Itália e voltado com as cinzas de Faith em uma caixa. Ela, Phoebe e Barry as dispersaram do topo dos penhascos perto da Golden Gate, um lugar onde a família costumava fazer piqueniques. Phoebe se lembrava de olhar incrédula para o pó, torrões irregulares que lembravam restos do fogo de uma lareira. Suas mãos tinham suado, e, enquanto ela jogava punhados ao vento, o pó mais fino ficava preso nas dobras das palmas. Não importava quanto Phoebe sacudisse, o pó não desgrudava. Mais tarde, ela trancou a porta de seu quarto e olhou por bastante tempo para as mãos abertas. A casa estava em silêncio. Phoebe colocou a língua para fora e lambeu levemente a palma. O gosto era azedo e salgado. Horrorizada, ela correu para o banheiro e esfregou as mãos e a boca na pia, olhando para o vaso

sanitário com vontade de vomitar. Mais tarde se perguntou se o que provou naquele dia tinha sido o próprio suor.

Uma porta branca no final de um corredor.

“Vamos”, dissera Faith, chamando Wolf.

Eles a fecharam ao entrar.

Phoebe andava a passos largos do lado de fora do quarto, afundando os dedos dos pés no tapete macio. Apavorada... com o quê? Que a irmã tivesse ido embora. Que a porta nunca mais se abrisse. Que, quando isso enfim acontecesse, Phoebe se veria sozinha em uma sala iluminada e vazia.